EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

AS BACANTES

Eurípides

EURÍPIDES

AS BACANTES

Tradução do grego
MÁRIO DA GAMA KURY



SUMÁRIO

As Bacantes
Tradução
Notas

AS BACANTES

Época da ação: idade heróica da Grécia.
Local: Tebas.
Primeira representação: provavelmente em 405 a.C., na Macedônia.

PERSONAGENS

O deus DIÔNISO.
CORO das BACANTES.
TIRÉSIAS, adivinho.
CADMO, fundador e antigo rei de Tebas.
PENTEU, rei de Tebas na época da ação.
GUARDA de Penteu.
1º MENSAGEIRO.
2 º MENSAGEIRO.
AGAVE, mãe de Penteu.

Cenário

Ao fundo o palácio real de Tebas. Vêem-se alguns escombros diante do palácio, no meio dos quais destaca-se o túmulo de Semele, mãe de DIÔNISO e irmã de AGAVE. Entra em cena DIÔNISO, cuja condição divina ainda é ignorada até por seus fiéis; o deus está disfarçado em Bacante e vai até o túmulo de Semele, diante do qual permanece reverentemente.

DIÔNISO

Estou aqui, chegando à terra dos tebanos,
eu, o próprio Diôniso, filho de Zeus,
que há muitos anos a filha do antigo Cadmo,
Semele, trouxe ao mundo graças ao fulgor
de um divino relâmpago vindo das nuvens.
Tomei a forma humana para freqüentar
as nascentes de Dirce e as águas do Ismeno.
Já posso ver junto ao palácio a sepultura
de minha mãe — pobre Semele! — fulminada
por um raio e as ruínas de sua morada
ainda fumegantes do fogo de Zeus,
testemunho perene da vingança de Hera
e um violento insulto à minha amada mãe.
É meu dever também agradecer a Cadmo
por haver feito deste solo, inviolável
aos passos dos mortais, o altar de sua filha,
que vim cercar de videiras cheias de uvas.
Cruzei a Lídia[1] e sua terra aurífera
e as planícies da Frígia e viajei
para os ensolarados planaltos da Pérsia,

e a Bactriana[2] com suas muitas cidades
bem defendidas por muralhas altaneiras,
e a Média, gelada durante o inverno,
e até o extremo da Arábia Feliz,
e toda a Ásia, enfim, cujo limite
são as ondas salgadas, com suas cidades
cercadas por belas muralhas, onde os gregos
se misturaram com diversas raças bárbaras.
A primeira cidade grega que visito
é esta aqui. Em muitas regiões distantes
organizei meus coros, implantei meus ritos,
para manifestar-me aos homens como um deus.
A minha preferida entre as cidades gregas
é Tebas, onde já se ouviram meus clamores.
As mulheres tebanas, mais fiéis a mim,
já se dispõem a vestir peles de corças,
e pus em suas mãos o tirso, este dardo
ornado com ramos de hera sempre verdes.
De fato, as irmãs de minha querida mãe,
que em primeiro lugar deveriam poupar-me
de tal insulto, declararam que eu, Diôniso,
não sou filho do grande Zeus e que Semele,
ludibriada por um amante mortal
e mal aconselhada pelo próprio Cadmo,
havia atribuído seu pecado ao deus.
Em altos brados elas proclamavam que,
se Zeus a fulminou, foi para castigá-la
por ter tido a idéia de vangloriar-se
de amores com um deus. Por isso compeli
todas as mulheres de Tebas a deixarem
seus lares sob o aguilhão de meu delírio.
E agora, vítimas da mente transtornada,
elas passaram a morar nos altos montes,
usando apenas a roupagem orgiástica.
Longe de suas casas e como dementes,

elas misturam-se com as filhas de Cadmo
em cima dos rochedos e sob os pinheiros
perenemente verdes. Mesmo constrangida,
esta cidade terá de reconhecer
a grande falta que lhe fazem minhas danças
e meus mistérios, para que eu possa vingar
a honra de Semele, minha amada mãe,
aparecendo aqui a todos os mortais
como o deus que ela um dia concebeu e teve,
depois de unir-se a Zeus. E Cadmo transmitiu
suas reais prerrogativas a Penteu,
filho de sua filha, que faz contra mim
guerra constante à minha condição divina.
Ele sempre me exclui de suas libações
e nunca diz meu santo nome em suas preces.
Mas poderei provar-lhe e provar aos tebanos
que fui realmente gerado por um deus.
Depois de acertar tudo como quero aqui,
dirigirei meus passos a outros lugares
e me darei a conhecer em toda parte.
Mas se a cidade dos tebanos, tresloucada,
tentar trazer do cume dos montes mais altos
minhas Bacantes recorrendo à força bruta
e às armas, então marcharei com minhas tropas
de Mênades enfurecidas contra Tebas.
Com esta intenção apareci aqui
como se fosse um dos mortais e transformei
em corpo humano minha condição divina.
Vamos, vós, que preferistes deixar o Tmolo[3],
a muralha da Lídia, vós, componentes
de meu cortejo, minhas queridas mulheres
que me acompanham sempre desde as terras bárbaras,
vós todas que morais e caminhais comigo,
vós que agitais os tamborins feitos na Frígia
(uma invenção de Réa, a Grande Mãe, e minha).

Vinde e ficai junto ao palácio de Penteu,
tocando-os para atrair sobre vós mesmas
a curiosidade de Tebas Cadméia,
enquanto, sempre ao lado de nossas Bacantes,
conduzirei seus coros até o sopé
do altíssimo Citéron[4], onde ficaremos.

Sai DIÔNISO. Entra o CORO, constituído de Bacantes, com serpentes em volta do corpo, coroadas de ramos de hera, agitando os tirsos e tocando os tamborins e flautas, e dançando

Coro

Viemos apressadas lá da Ásia
e do sagrado Tmolo — doce esforço
gostoso de sofrer, pois é por Brômio.
Cantamos Báquio com nossos gritos[5]
de Evoé[5a]. Quem vai andando aí?
Quem está em nosso caminho? Afaste-se!
Seja quem for, mantenha-se em silêncio
religioso! Obedecendo aos ritos,
glorifiquemos nosso deus, Diôniso!
Feliz é o mortal que, consciente
da divindade de nossos mistérios,
santificando sempre sua vida,
sente que tem a alma de um devoto,
e na montanha, entregue às bacanais,
celebra, depois de purificado
como se fosse um santo, a sacra orgia
da Grande Mãe Cibele, e enquanto o tirso
se enfeita com o diadema de hera
para servir apenas a Diôniso!
Vamos, Bacantes! Vamos! Celebrai!
Tu, Brômio, deus e filho de deus,
desce, Diôniso, dos altos montes

da Frígia distante para cá,
para as cidades gregas onde os coros
te acolhem com total intimidade!
Vem logo, Brômio, tu, que nos transes
das dores naturais durante o parto,
quando caiu o raio fulminante
vindo de Zeus, saíste antes do tempo
do ventre de Semele, tua mãe,
pois ela, em sua infelicidade,
perdeu a vida transformada em cinzas!
Naquele instante Zeus, filho de Cronos,
proporcionou-te um abrigo seguro
de onde nascerias: ele mesmo
te pôs num talho feito em tua coxa
valendo-se de grampos feitos de ouro
e te escondeu da ciumenta Hera.
Quando chegou a hora prefixada
pelo destino, Zeus te deu à luz,
a ti, um deus cornudo como os touros.
Ele te trouxe uma coroa estranha,
composta de serpentes, e depois
as Mênades, muito amigas das feras
puseram entre seus longos cabelos
cheios de cachos serpentes iguais.
Ah! Tebas! Tu, que nutriste Semele,
coroa-te de hera, manda, ordena
que se colham os frutos das videiras
verdes de belos bagos, e conduze
a festa báquica portando ramos
tirados de carvalhos ou com galhos
recém-cortados de qualquer pinheiro!
Bordai com crespos pêlos brancos, Mênades,
vossas peles de corças pintalgadas!
Levai contrita e firmemente os tirsos!
Tebas inteira vai participar

das danças consagradas quando Brômio
sair guiando os coros das devotas
em direção aos montes altaneiros
onde o esperam muitas celebrantes
que abandonaram os seus afazeres
— principalmente suas lançadeiras —,
tangidas pelos aguilhões de Báquio.
Ah! Grutas dos Curetes[6], antros sacros
de Creta, berço de Zeus inda infante!
Nas profundezas de vossos refúgios
os Coribantes[7] com seus gorros triplos
criaram para nós estes tambores
feitos de fino couro distendido;
depois, acrescentando a seu delírio
o sopro mais doce das flautas frígias,
eles os colocaram entre as mãos
de Rea-Mãe para fazerem eco
aos gritos estridentes das Bacantes.
E os Sátiros de mente pervertida,
tirando-os de nossa mãe divina
fizeram deles o instrumento único
das danças chamadas de trienais,
delícia preferida por Diôniso!
É doce para nós nos altos montes,
quando saímos da corrida báquica,
ficar deitadas na relva abundante
sob a pele de corça, e capturar
um bode para ser sacrificado
e devorar a sua carne crua,
extasiadas, enquanto corremos
pelos montes da Frígia, ou então
nos montes lídios levadas por Brômio!
Gritemos todas Evoé! O chão
regurgita de leite e regurgita
de vinho embriagador e, mais ainda,

satura-se do néctar das abelhas!
Desse chão impregnado também sobe,
como um vapor, o raro incenso sírio.
E Baco, erguendo a tocha flamejante
feita de pinho e amarrada ao tirso,
corre e se agita e traz de volta aos coros
inúmeras devotas desgarradas.
Seus gritos aceleram a corrida
enquanto sua bela cabeleira
flutua ao vento quando é agitada.
Ao som de muitos gritos de Evoé
estronda sua voz: ‘‘Vamos, Bacantes!
Vamos, Bacantes! Vamos! Cintilando
como as águas do Tmolo[8], cheias de ouro,
cantai uníssonas vosso Diôniso
ao som dos ruidosos tamborins
— Evoé, Evoé —, vosso deus báquico,
reiterando seus apelos frígios,
seus gritos, enquanto a flauta sonora,
a flauta sacrossanta, entoa em solo
a ária consagrada, impondo o ritmo
à tresloucada carreira das Mênades
em direção aos montes!’’ Parecendo
uma potrinha alegre junto à mãe
nos verdes prados, a Bacante pula
e corre sem deter os pés ligeiros.

Entra com seu guia o adivinho TIRÉSIAS, velho e cego, e bate à porta do palácio real. CADMO aparece à porta

TIRÉSIAS

Quem é o guarda do palácio? Chama Cadmo,
o filho de Agenor, que vindo lá de Sídon
há muitos anos, protegeu nossa cidade
com as muralhas existentes até hoje!

Manda dizer-lhe que Tirésias quer vê-lo
para falar com ele! Cadmo saberá
por que estou aqui e o que minha velhice
comprometeu-se a revelar agora à dele.
O assunto é adornar com hera nossos tirsos,
usar coroas verdes e peles de corças.

CADMO

Saindo do palácio com uma coroa de hera e com uma pele de corça sobre os ombros

Reconheci, amigo meu, a tua voz,
a voz repleta do saber de um grande sábio[8a];
já saio do palácio com as santas vestes.
De nossa parte é tempo de exaltar Diôniso,
o deus nascido de minha filha Semele,
que já provou aos homens sua divindade.
Onde é conveniente dar início às danças?
Em que lugar? Onde teremos de agitar
nossa cabeça encanecida? Instrui, Tirésias,
minha idade avançada com a sapiência
haurida ao longo do curso de tua vida,
pois quero de agora em diante, noite e dia,
ferir o chão a todo instante com meu tirso.
Sinto-me tão feliz esquecendo a velhice!…

TIRÉSIAS

Teu pensamento é igual ao meu, e como tu
volto a ser jovem e quero juntar-me aos coros.

CADMO

Não é possível ir de carro até os montes?

TIRÉSIAS

Se fôssemos, teriam um valor menor
as nossas homenagens a Baco[9] divino.

CADMO

Serei então um velho guiando outro velho?

TIRÉSIAS

O deus nos levará ao topo sem cansaço.

CADMO

Somente nós entre os tebanos numerosos
estaremos dançando para Báquio ver?

TIRÉSIAS

Temos de nosso lado a límpida verdade;
quem não fizer o mesmo será um demente.

CADMO

Não demoremos. Vamos! Dá-me tua mão!

TIRÉSIAS

Ei-la; trata de segurá-la com a tua.

CADMO

Respeito os deuses, pois sou um simples mortal.

TIRÉSIAS

Não temos pretensões quanto ao conhecimento
de tudo que é divino. Nenhum pensamento
afetará as tradições que recebemos
de nossos ancestrais, antigas como o tempo
e resistentes aos sutis raciocínios
dos cérebros sofísticos. Muitos dirão
— sei muito bem — que estou faltando com o respeito
aos meus cabelos brancos, eu, velho decrépito,
dançando coroado de ramos de hera.
O deus, porém, não faz a menor distinção
entre as idades; são iguais jovens e velhos
em seus sagrados coros; ele quer apenas
receber homenagens de todos os crentes,
pois em seu culto não há discriminações.

CADMO

Já que não vês a luz do sol, velho Tirésias,
minhas palavras suprirão tua carência.
Distingo agora mesmo, vindo para cá,
Penteu, filho de Equíon, sucessor legítimo
em meu trono e meu cetro; ele vem apressado
em nossa direção e parece agitado.
Que virá ele anunciar a esta hora?

Entra PENTEU em trajes régios e muito agitado

PENTEU

Estive ausente da cidade e me falaram
sobre o novo flagelo que perturba Tebas:
a deserção dos lares por nossas mulheres,
sua partida súbita para aderirem
a pretensos mistérios, sua permanência
na floresta sombria só para exaltarem
com suas danças uma nova divindade

— um tal Diôniso, seja ele quem for.
Taças cheias de vinho, segundo os relatos,
circulam incessantemente entre esses grupos.
Vindas de todos os lugares, as mulheres
procuram os recantos menos acessíveis
para proporcionarem prazeres aos homens.
São esses os chamados rituais das Mênades,
mas antes de Diôniso todas cultuam
Afrodite divina[10]. Eu mesmo, muitas vezes
surpreendi-as e ordenei que fossem presas,
com suas mãos atadas, em cadeias públicas
sempre guardadas por subordinados meus;
quanto às restantes, vou persegui-las nos montes.
Em minhas redes de finas malhas de ferro
manterei presas Ino, Agave (minha mãe,
mulher de Equíon) e Autônoe, mãe de Actáion;
elas terão de renegar o culto sórdido.
Disseram-me que um forasteiro — um impostor
e sedutor vindo da Lídia distante —
com seus cabelos louros cheios de perfume
arranjados em cachos cuidadosamente,
a tez corada e os olhos cheios do encanto
que emana de Afrodite, introduziu-se aqui
e se mistura dia e noite à multidão
de suas seguidoras. Ele está tentando
as nossas virgens com um ótimo atrativo:
o furor de seus ritos! Se eu tiver a sorte
de o encontrar um dia em meu real palácio,
garanto que ele nunca mais irá bater
com seu tirso no chão tebano e ostentar
os seus longos cabelos flutuando ao vento:
seu corpo lânguido ficará sem cabeça!
Ele diz sem parar: ‘‘Diôniso é um deus!
Ele foi enxertado na coxa de Zeus!’’
Mas, na realidade, o fogo fulgurante

o consumiu no ventre da pobre Semele
— de sua mãe —, que mentia quando falava
pretensiosamente em sua condição
de esposa de Zeus poderoso! Quanta audácia!
Não merece ser enforcado ignobilmente
para expiar como convém a sua audácia
esse impostor que nos afronta e desafia?
Mas eis outro portento! Estou vendo Tirésias
com a pele de corça! Como é ridículo!
Ao lado dele vem o pai de minha mãe
— de Agave delirante! — portando nas mãos
o tirso das Bacantes! Meu avô! Renego-te,
velho insensato! Não vês que deves jogar
para longe de ti este ramo de hera
e o tirso que seguras, pai de minha mãe?
E tu, Tirésias, converteste meu pai,
pois queres ser bem pago pela observação
dos vaticínios trazidos pelos pássaros
e das entranhas dos animais imolados,
e impor a todos nós o deus desconhecido!
Se teus cabelos brancos não te protegessem
irias já sentar entre as muitas Bacantes,
coberto de correntes, como punição
por tua tentativa de impingir a Tebas
um culto infame! Digo que não há pureza
em festas onde o vinho é servido às mulheres!

CORIFEU

Quanta profanação! Não temes, estrangeiro,
os deuses da cidade, nem o próprio Cadmo
que dispersou no solo as célebres sementes[11]?

TIRÉSIAS

Quando algum homem sábio em suas falas
trata de assuntos elevados, sem esforço
sua linguagem é naturalmente bela.
Tu, ao contrário, embora fales bem
e dês a impressão de ser de boa índole,
não tens razão alguma em tudo que disseste.
Um orador capaz e muito audacioso,
se lhe falta bom senso é um grande flagelo
para sua cidade. Com que argumentos
poderei expressar a singular grandeza
que atingirá em nossa terra o novo deus,
alvo de teu escárnio? Pois saibas, filho,
que para todos nós, simples seres humanos,
há dois conceitos realmente essenciais:
primeiro o de Deméter, a deusa maior
ou, se preferes, simplesmente a Terra-Mãe
(podemos invocá-la por um destes nomes);
ela nos nutre com seus alimentos sólidos;
depois da deusa veio o filho de Semele,
seu êmulo, que descobriu e revelou
o leve suco produzido pelas uvas
para curar de suas muitas amarguras
a triste raça humana; a simples ingestão
do néctar tirado das uvas, nos concede
o esquecimento dos males cotidianos,
graças à paz do sono, único remédio
para nossos padecimentos. Sendo deus[11a],
Diôniso é dado a outras divindades
e lhe devemos todo o bem que elas nos fazem.
Escarneces de um deus por ter sido enxertado
na coxa de seu pai — de Zeus? Então, Penteu,
vou instruir-te demonstrando como tudo
se explica e é maravilhosamente claro.
Quando Zeus extinguiu o fogo de seu raio

e transportou para o Olimpo o deus-menino,
Hera tentou precipitá-lo das alturas
celestiais; Zeus, como grande deus que é,
opôs à intenção da deusa um artifício
condizente com sua condição divina:
tirou do éter sobreposto à terra-mãe
uma porção suficiente e fez com ela
um simulacro igual à imagem de Diôniso
e o entregou a Hera como seu refém,
suavizando assim o ciúme da esposa.
Mais tarde pensou-se que o deus recém-nascido
tinha sido enxertado na coxa de Zeus
por causa de um mal-entendido com palavras[12].
A circunstância de o deus ter sido um refém
nas mãos de Hera, embora só em aparência,
foi a origem da versão mais divulgada.
Além disso, Diôniso é um profeta,
e assim os seus delírios são divinatórios;
por isso, quando ele penetra fortemente
em nosso corpo, embriagando-nos, revela
o que ainda está por vir. Em alguns casos
ele de certo modo age como Ares[13].
Em outra ocasião viram-no dispersar,
sem que tivesse havido um embate de lanças,
um grande exército pronto para atacar,
vencido só pelo terror, porque Diôniso
tirou de todos os inúmeros soldados
o uso da razão. Poderás vê-lo ainda
ao longo dos rochedos em volta de Delfos,
portando uma tocha acesa em cada mão,
correr pelas partes mais altas dos dois cumes
e transformar-se finalmente num dos deuses
mais poderosos cultuados pelos gregos.
Escuta-me, Penteu! Não sejas arrogante!
Não imagines que teu cetro tudo pode

diante de todos os seres! Não confundas
uma ilusão de teu espírito doente
com a sabedoria humana! Acolhe aqui
o deus recém-chegado e nunca mais o esqueças
em tuas libações! Adere a meu delírio!
Coroa-te de hera! Não compete a Baco
forçar suas devotas a ser moderadas
no culto de Afrodite. É o temperamento
de cada uma que a incita à castidade
em todos os momentos de sua existência.
Ouve-me: os arrebatamentos orgiásticos
jamais corrompem a mulher de fato pura!
Por certo sabes o quanto ficas feliz
quando teus súditos à porta do palácio
se agrupam para te aclamar e todos juntos
exaltam o teu nome, o nome de Penteu!
Pois este deus se emociona como tu
quando lhe prestam homenagens espontâneas.
Em conclusão, Cadmo e eu, indiferentes
às tuas zombarias, apesar da idade
iremos, coroados com ramos de hera,
juntar-nos aos demais fiéis para dançar,
para dançar — repito! —, a despeito de tudo!
Jamais me persuadirão os teus discursos
a combater os deuses, eu simples mortal!
É louco, é irremediavelmente louco,
quem corrompeu a tua alma desta forma!

CORIFEU

Dirigindo-se a TIRÉSIAS

És sábio, ancião; sem ultrajar Apolo,
tuas palavras honram um deus grande — Brômio.

CADMO

Tirésias exortou-te com razão, Penteu.
Junta-te a mim e a ele! Não deves pensar
em renegar agora nossas tradições.
Afasta-se do bom caminho teu espírito
e tua mente está pensando no vazio.
Ainda que Diôniso não fosse um deus,
como imaginas, deverias, mesmo assim,
dar-lhe este nome e admitir devotamente
a invenção de que ele é filho de Semele,
para que ela desfrute a fama de ser mãe,
ela, mortal, de um deus, e esta distinção
se estenda sobre todos os nossos parentes.
Sem dúvida conheces o destino horrível
de Actáion, devorado pelos cães ferozes
que ele criara, quando foi caçar nos campos,
apenas por estar sempre vangloriando-se
de ser um caçador muito melhor que Ártemis.
Não tens receios de um castigo semelhante?
Vem cá! Deixa-me coroar a tua fronte
com estes ramos frescos de hera verdejante!
Vem homenagear conosco o novo deus!

PENTEU

Não toques em meu corpo! Afasta estas mãos!
Vai embora daqui para outro lugar
e se quiseres fica lá com as Bacantes!
Não me transmitas a loucura de que sofres!
Mas este mau profeta e mestre de tolices
terá de ser punido imediatamente!

Dirigindo-se a seus guardas

Ide depressa até onde estiver a trípode
da qual este velho interpreta os ágeis pássaros!

Valei-vos de uma picareta ou de um tridente!
Ide! Arrancai! Virai de pernas para o ar
seu trono e lançai tudo em todos os sentidos!
Deixai que os ventos furiosos esfarrapem
as suas faixas coloridas! Tal castigo
será sem dúvida o pior para Tirésias!
Ide em seguida percorrer nossa cidade
à procura de pistas desse efeminado,
núncio de novo mal para nossas mulheres,
capaz de corrompê-las nos lares tebanos!
E depois de prendê-lo e de o acorrentar
trazei-o logo a mim para que eu o condene
a ser apedrejado até perder a vida!
Será demais amargo o fim da grande festa
que ele queria oferecer a todos nós!

Saem os guardas de PENTEU

TIRÉSIAS

Dirigindo-se a PENTEU

Ah! Infeliz! Não sabes o que nos disseste!
De início estavas simplesmente perturbado,
mas a tua loucura agora é evidente!

Dirigindo-se a CADMO

É hora de fazermos preces, tu e eu,
por um demente, embora seja tão feroz,
preces pela cidade, e conjurar o deus
a não lhe trazer males nunca imaginados.
Agora segue-me. Segura teu bastão
coberto de ramos de hera. Trata, amigo,
de orientar meus passos enquanto me amparo,
pois seria ridículo para dois velhos
caírem juntos. Siga-nos quem tiver ânimo,

pois temos de servir a Báquio, o deus
filho de Zeus. Mas deves ter cuidado, Cadmo,
para que o rei Penteu não faça entrar o luto
em tua casa (não me inspira o dom profético;
os fatos falam e são bastante eloqüentes).
Estando louco, ele procede loucamente.

Saem TIRÉSIAS e CADMO

Coro

Divina Devoção, deusa querida
pelos augustos deuses! Devoção
— sim, tu que pairas sobre nossa terra
graças ao ímpeto de tuas asas —,
ouviste bem as falas de Penteu?
Escutaste no céu o insulto herético
lançado há pouco tempo contra Brômio,
o filho de Semele, o santo príncipe
das criaturas bem-aventuradas,
senhor das festas cheias de alegria,
ornadas de coroas? Seu encargo
é conduzir os coros sempre dóceis
ao som das flautas, para adormecer
nossos cuidados e acordar o riso,
quando começa a cintilar o vinho
durante as comemorações sagradas,
e enquanto nos cortejos adornamo-nos
com ramos de hera a taça serve o sono
aos convidados! As falas sem freios,
os exageros ímpios nos conduzem
inevitavelmente ao infortúnio.
Somente uma existência sossegada
e a sã razão preservam nossas casas
dos golpes do destino inexorável.
Embora morem nos confins do éter,

muito longe do mundo em que vivemos,
os deuses vêem as ações dos homens.
Aparentar grande força de espírito
não é sabedoria, nem tampouco
pensar além da condição humana.
A vida é breve e aqueles que investigam
alturas fora do alcance dos olhos
deixarão escapar os bens terrenos.
Viver dessa maneira imprópria aos homens
revela as almas às quais falta o senso
e os corações sempre desnorteados.
Ah! Como gostaríamos de ir
lá para Chipre, a ilha de Afrodite,
onde os amores reinam absolutos
para nosso maior contentamento,
ou para Faros, sempre fecundada
pelas águas do grande rio bárbaro[14]
que chega ao mar através de cem bocas
e não pelas chuvas vindas do céu,
ou para o lugar mais belo do mundo
— a Pieria, onde as Musas moram
nas vertentes do Olimpo muito alto!
Leva-nos para lá, deus poderoso,
Diôniso, Diôniso, Evoé,
guia seguro para as Bacanais!
Lá residem as Graças e o Desejo,
e lá as fidelíssimas Bacantes
poderão celebrar condignamente
seus indizíveis, divinos mistérios.
O deus filho de Zeus desfruta as festas
deliciosas; ele adora a Paz,
deusa nutriz e salvação dos jovens,
que nos proporciona a opulência.
Ao pobre e igualmente ao abastado

ele oferece em dose igual o vinho
que encanta e alivia. Ele detesta
aqueles cujo desejo constante
não seja, na claridade do dia
e na doçura da noite sombria,
saborear a ventura e a vida,
tendo, como convém a quem é sábio,
o coração e a mente bem distantes
de todos os mortais muito sutis.
Nosso desejo é adotar também
a fé que a maioria das pessoas
mais simples recebeu e põe em prática.

Entram os guardas de PENTEU trazendo DIÔNISO acorrentado

GUARDA

Eis-nos aqui, Penteu; trazemos esta presa
que nos mandaste capturar há pouco tempo.
Cumprimos tuas ordens rigorosamente;
a fera comportou-se com docilidade;
ele não fez esforço algum para livrar-se
de nossas fortes mãos e voluntariamente
nos estendeu os punhos. Mostrando-se manso,
sem empalidecer e sem que se alterasse
o brilho de seus olhos, e até sorridente,
nos convidou a carregá-lo de correntes
para trazê-lo assim até o teu palácio.
Enquanto ainda estávamos onde o prendemos
ele cooperou conosco e eu lhe disse
atônito: ‘‘Ouve, estrangeiro; não te levo
por minha própria decisão; recebi ordens
do rei Penteu; foi ele quem me encarregou
desta missão.’’ Quanto às Bacantes que prendeste
e acorrentaste no cárcere da cidade,

elas estão saltando em plena liberdade
nos campos próximos e invocando Brômio;
todos os laços dos pés delas desfizeram-se
sem que ninguém as ajudasse, e os ferrolhos
soltaram-se e deixaram que as portas se abrissem
independentemente das mãos de mortais.
Ah! Este homem veio encher de justo espanto
toda a cidade! Agora dize: que faremos?

PENTEU

Podeis soltá-lo, pois colhido em minhas malhas
por mais hábil que seja não se livrará.

Dirigindo-se a DIÔNISO

Mas, para o gosto das mulheres, estrangeiro,
não és malfeito, e confiando apenas nisto
vieste para Tebas; teus longos cabelos
bem arranjados nesses cachos sobre a face
em nada se assemelham aos de um lutador;
eles lembram amor. A tua pele é clara;
vê-se que ficas cuidadosamente à sombra,
sem a expor ao sol, preocupado apenas
com a conquista dos favores de Afrodite.
Agora dize-me qual é a tua origem.

DIÔNISO

É fácil; responder-te-ei sem subterfúgios.
Já viste em Tmolo, a montanha cheia de flores?

PENTEU

Conheço-o; como um enorme anfiteatro,
ele parece estar dando um abraço em Sardes[15].

DIÔNISO

Venho de lá; nasci na celebrada Lídia.

PENTEU

De onde trouxeste para cá estes mistérios?

DIÔNISO

Meu mestre foi Diôniso, filho de Zeus.

PENTEU

Existe lá um Zeus que é pai de novos deuses?

DIÔNISO

Não! O único Zeus amou Semele aqui.

PENTEU

O deus falou-te em sonho, ou foi à luz do dia?

DIÔNISO

Vi-o de frente e recebi dele os mistérios.

PENTEU

Dize: qual é a natureza dos mistérios?

DIÔNISO

Somente iniciados podem conhecê-los.

PENTEU

Qual o proveito para aqueles que os celebram?

DIÔNISO

É muito grande, mas não podes percebê-lo.

PENTEU

A saída é sutil e tende a me enganar.

DIÔNISO

Nossos mistérios têm horror ao sacrilégio.

PENTEU

Se viste mesmo o deus, qual é sua aparência?

DIÔNISO

A que lhe apraz; além disso, nada direi.

PENTEU

Mais uma saída sutil para calar.

DIÔNISO

O rude achará tola uma linguagem sábia.

PENTEU

Trazes contigo o deus pela primeira vez?

DIÔNISO

Todos os bárbaros celebram seus mistérios.

PENTEU

Mas nisto eles são menos cultos que nós, gregos.

DIÔNISO

A diferença talvez seja nos costumes;
em termos de esclarecimento eles vos vencem.

PENTEU

Celebram-se esses ritos à noite ou de dia?

DIÔNISO

Principalmente à noite; as trevas são sagradas.

PENTEU

Nessa armadilha cairão nossas mulheres.

DIÔNISO

O dia também vê ações indecorosas.

PENTEU

Pagarás por estes sofismas de mau gosto!

DIÔNISO

E tu, Penteu, por tua impiedade estúpida
e pelo sacrilégio contra o novo deus.

PENTEU

Ah! Quanta audácia deste adorador de Baco!
Ele não é tão ignorante quando fala.

DIÔNISO

Que suplício me espera? Que mal me farás?

PENTEU

Primeiro cortarei teus cachos bem tratados.

DIÔNISO

Dediquei a meu deus estes santos cabelos.

PENTEU

E solta logo o tirso que trazes na mão!

DIÔNISO

Vem tirá-lo de Baco, a quem ele pertence!

PENTEU

Depois te prenderemos em nossas masmorras.

DIÔNISO

O deus virá soltar-me quando eu desejar.

PENTEU

Deixando sós suas Bacantes fervorosas?

DIÔNISO

Neste preciso instante ele se encontra aqui
e vê com os próprios olhos como tu me tratas.

PENTEU

Onde está ele, então? Meus olhos não o vêem.

DIÔNISO

Onde eu estou, mas a falta de fé te cega.

PENTEU

Dirigindo-se a seus guardas

Prendei-o! Ele nos ultraja, a mim e a Tebas!

DIÔNISO

Dirigindo-se também aos guardas

Proíbo-vos de pôr vossos grilhões em mim!
Dirijo a loucos a minha mensagem sábia!

PENTEU

Tenho o direito de prender-te; sou mais forte.

DIÔNISO

Não sabes o que dizes, quem és e o que fazes!

PENTEU

Eu sou Penteu, filho de Equíon e de Agave.

DIÔNISO

Teu nome te predestinou à desventura[16].

PENTEU

Avante! Acorrentai-o, guardas, aqui perto,
no fundo das cocheiras, para que seus olhos
vejam apenas as trevas impenetráveis!
Lá poderás dançar quando for teu desejo.
Quanto a essas mulheres que antes arrastavas
atrás de ti, irei vendê-las a bom preço
ou, arrancando das mãos ruidosas delas
o instrumento estrepitoso recoberto
de couro fino retesado, impor-lhes-ei
o ofício de tecer como minhas escravas.

DIÔNISO

Irei sem medo, pois não quero suportar
a humilhação destes insultos que me dizes.
Mas de uma coisa podes ter plena certeza:
Diôniso, meu vingador, embora o negues,
te punirá. É teu desejo castigar-me,
mas quem está sendo amarrado agora é ele!

Os guardas levam DIÔNISO acorrentado para as dependências do palácio

CORO

Ah! Filha do Aquelôo[17], santa Dirce,

formosa Ninfa! Em tua nascente
há muito tempo deste as boas-vindas
ao filho de Zeus todo-poderoso,
quando seu pai o salvou de morrer
por causa do fogo imortal de um raio
para acolhê-lo em sua própria coxa,
gritando ao filho ainda em gestação:
‘‘Vem, Ditirambo! Vem para viver
no corpo de teu pai muito viril!
Desde este instante chamo-te de Báquio
e determino que a partir de agora
os habitantes da famosa Tebas
te chamem pelo nome que te dou!’’
Então és tu, Dirce muito feliz,
que nos repeles quando conseguimos
aproximar-nos com nosso cortejo
enfeitadas de folhas e de flores?
Dize: por que nos repudias? Dize:
por que foges de nós? Juramos todas
pelos cachos carregados de uvas,
dádiva de Diôniso divino,
que ainda pensarás, e muito, em Brômio!
Ah! Que furor! Ah! Que rancor exala
este neto da Terra — sim, Penteu! —,
o filho do dragão assustador,
gerado por Equíon, monstro horrível
de olhar feroz e em nada parecido
com a raça das criaturas humanas,
que tal como um gigante sanguinário
em luta contra os deuses vai prender-nos
em suas malhas, nós, servas de Baco!
Em algum canto oculto do palácio
ele confina em cárcere nojento
onde sem dúvida nem a luz entra
o condutor do cortejo divino!

Sê testemunha, tu, filho de Zeus,
Diôniso! Vês tuas profetisas
lutando aqui contra a fatalidade?
Vem logo, príncipe dos cachos áureos,
brandindo o tirso! Desce do alto Olimpo,
reprime a arrogância do tirano
pronto a fazer jorrar o nosso sangue!
Para que plagas levas teu cortejo,
deus venerado, portador do tirso?
Lá para Nisa, repleta de feras,
ou para os picos dos montes Corícios[18]?
Ou talvez para os vales abismais
do Olimpo cheio de bosques espessos,
onde o famoso Orfeu com os acordes
de sua cítara há muito tempo
enfeitiçava as árvores e as feras?
Évio[19] venera-te, feliz Piéria[20];
ele dirigirá aqui seus coros
e as Bacanais; seguido pelas Mênades
participantes do cortejo báquico,
ele atravessará o veloz Áxio
e logo após o Lídias[21] fecundante,
pai da abundância e distribuidor
dos bens e de toda a prosperidade,
que, segundo se diz, com suas águas
irriga a terra das éguas mais belas.

Ouvem-se os brados de DIÔNISO nas dependências do palácio

DIÔNISO

Do interior do palácio

Ouvi-me! Ouvi a minha voz, Bacantes minhas!

CORIFEU

Quem grita? De onde vem este apelo de Évio?

DIÔNISO

Chamo-vos novamente, eu, filho de Semele
e de Zeus poderoso! Ouvi, minhas Bacantes!

CORIFEU

Senhor! Senhor! Vem afinal juntar-te a nós!
Vem já para nosso cortejo! Vem, Diôniso!

DIÔNISO

Divino terremoto! Abala esta cidade!

Ouvem-se ruídos de desmoronamentos

CORIFEU

Ah! Dentro de poucos instantes o palácio
do rei Penteu vai abalar-se, vai ruir!
Está em seu interior o deus Diôniso!
Sim! Adoremo-lo! Nós todas o adoramos!
Vedes a pedra da arquitrave deslocar-se
estrepitosamente no alto das colunas?

Ouve-se o estrondo da queda do teto no interior do palácio

Estou ouvindo Brômio gritar lá dentro!

DIÔNISO

Acenda-se o fulgor dos raios infalíveis
para queimar todo o palácio de Penteu!

Eleva-se uma chama no túmulo de Semele

Corifeu

Ah! Ah! Não vedes uma chama sobre o túmulo
da tebana Semele? Este é o mesmo fogo
aceso pelo raio mandado por Zeus
que outrora a fulminou e agora está de volta!
Ah! Mênades! Cobri o chão com vossos corpos
inevitavelmente trêmulos! Diôniso,
o deus filho de Zeus, reduzirá a ruínas
o palácio real que está desmoronando!

As Bacantes do CORO prosternam-se e DIÔNISO sai do palácio semidestruído

Diôniso

Por certo enorme espanto encheu vossos espíritos,
mulheres bárbaras, e vos compele agora
a prosternar-vos desta maneira no chão.
Sentistes todas de maneira convincente
que Baco transformou em ruínas o palácio
onde estava Penteu. Mas basta. Levantai-vos,
acalmai vossos corpos expulsando deles
o habitual tremor causado pelo medo.

Corifeu

Ah! Luz suprema que nos trazes afinal
o êxtase dionisíaco! Sentimos
imenso júbilo por ver-te aparecer
a nossos frágeis corações desarvorados!

Diôniso

Já não havia em vós a mínima esperança
quando Penteu, o rei, mandou que me prendessem

nas cocheiras sombrias do real palácio?

CORIFEU

Não era natural o nosso desespero?
Que proteção nos restaria quando víamos
acontecer a última calamidade?
Como escapaste da perseguição do incrédulo?

DIÔNISO

Livrei-me dela sem qualquer dificuldade,
sem esforço maior e sem ajuda alheia.

CORIFEU

Ele não mandou amarrar as tuas mãos?

DIÔNISO

Mandou, e este foi o seu maior engano.
De fato, imaginando que me acorrentava,
ele não quis tocar em mim, sequer de leve,
tão grande era a certeza que em seu coração
lhe garantia que eu estava preso ali.
Ele encontrou um touro na cocheira escura
onde me aprisionara e fez um grande esforço
para imobilizar seus cascos e joelhos,
resfolegando sem parar, desatinado,
molhado de suor e mordendo seus lábios;
eu estava sentado, calmo, perto dele,
como se fosse apenas um espectador.
No mesmo instante Baco invadiu o palácio
abalando as paredes, depois de acender
sobre o sepulcro de Semele, sua mãe,
chamas brilhantes. Quando o viu, o rei Penteu,

imaginando que o fogo já devorava
o palácio real, pôs-se a pular, frenético,
de um lado para o outro, dando ordens aos guardas
para jogarem água incessantemente
no lugar onde estávamos; seus homens todos
puseram mãos à obra sem perda de tempo,
tentando dedicar-se à tarefa ilusória.
Depois, detendo-se e pensando que eu fugira,
ele saltou, brandindo em todos os sentidos
uma espada de ferro negro. Baco, então
— ao menos imagino que era ele mesmo —,
fez surgir um fantasma no meio do pátio;
avançando sobre a brilhante aparição,
Penteu a atacou usando sua arma,
tendo a impressão de que acabara de matar-me.
Mas isto não foi tudo; Baco preparou-lhe
outro desastre, provocando num instante
o desmoronamento do real palácio
estrepitosamente! Custou muito caro
ao ímpio Penteu o meu confinamento.
Vencido por uma fadiga irresistível
e soltando a espada, ele caiu no chão,
este mortal que, levado pela insolência,
quis enfrentar um deus. Eu mesmo abandonei
silenciosamente as ruínas do palácio
e vim juntar-me a vós sem pensar neste herege.

Após alguns momentos de silêncio

Mas tenho a impressão de ouvir lá dentro o som
de botas, como se Penteu viesse andando
em direção à porta, prestes a sair.
Que terá ele para nos contar agora?
Por mais feroz que seja seu ressentimento
quero enfrentá-lo calmamente, pois o sábio
deve conter a irritação de sua alma.

PENTEU sai das ruínas do palácio, completamente transtornado

PENTEU

Fui atingido por um golpe insuportável:
fugiu o estrangeiro, embora acorrentado!

Vendo DIÔNISO

Aqui está o homem! Como ele livrou-se?
Como fugiste e estás à frente do palácio?

DIÔNISO

Contém-te e acalma este rancor desatinado.

PENTEU

Como saíste, escapando de teus grilhões?

DIÔNISO

Disse-te, ou não, Penteu, que me libertariam?

PENTEU

Quem foi? Terás coisas estranhas a contar-me?

DIÔNISO

Soltou-me quem produz as uvas para os homens.

PENTEU

Graças ao vinho ele quer ser o rei de Tebas.

DIÔNISO

Não é possível censurar Baco por isso.

PENTEU

Ordeno o fechamento das portas de Tebas!

DIÔNISO

Por quê? Um deus não é retido por muralhas.

PENTEU

És sábio, estrangeiro, extremamente sábio,
mas não no momento em que deverias ser.

DIÔNISO

Discordo; é principalmente nessas horas
que sobressai minha razão; mas ouve antes
o homem que veio correndo da montanha
em tua direção, trazendo uma mensagem
cujo destinatário és tu. Fica tranqüilo,
de forma alguma tentarei fugir daqui.

Entra precipitadamente um pastor (1º MENSAGEIRO)

1º MENSAGEIRO

Penteu, senhor de Tebas! Venho do Citéron,
onde jamais a alva neve perde o brilho.

PENTEU

Que novidades trazes com tão grande pressa?

1º MENSAGEIRO

Vi as Bacantes lá no alto da montanha,
mulheres respeitáveis que, sempre descalças
e como se estivessem todas incitadas
por algum aguilhão, fugiram da cidade
precipitadamente. Venho anunciar-te
sua conduta estranha, meu senhor e rei,
pois o que fazem essas damas na verdade
é um milagre, ou mais. Eu gostaria muito
de saber antes se seria preferível
contar-te tudo sem rodeios, ou então
impor limites à minha língua ansiosa.
Receio a exaltação de tua alma, rei,
o teu rancor exacerbado e repentino
e as manifestações de teu humor tirânico

PENTEU

Podes falar; nada tens a temer de mim;
não se deve punir quem cumpre seu dever.
Quanto mais me contares sobre essas Bacantes,
mais rigorosa há de ser a punição
daquele que veio insuflar o desvario
em grande número de mulheres tebanas.

1º MENSAGEIRO

Eu acabava de deixar na parte plana
do alto monte as reses de meu bom rebanho
e prosseguia em direção ao cume alvo,
na hora em que o sol já se aqueceu e solta
seus raios como se fossem dardos de luz.
Meus olhos viram num instante três cortejos,
três coros de mulheres; o primeiro deles
tinha à frente Autônoe; já o segundo,

Agave, tua mãe; finalmente o terceiro
era levado por Inó. Naquela hora
todas dormiam com os corpos relaxados;
algumas delas reclinavam-se nos ramos
de viçosos pinheiros e se aproveitavam
da sombra que essas árvores ofereciam;
outras deitavam-se sobre folhas caídas
de frondosos carvalhos, mantendo a cabeça
em atitude casta, e postas em repouso
no solo coberto de folhas, ao acaso
e não como as descreves em tuas conversas,
completamente embriagadas pelo vinho
e pelo som das flautas doces, procurando
discretamente a bela Cípris na floresta.
Mas eis que tua mãe, erguendo-se no meio
das Bacantes adormecidas, deu um grito
para acordá-las, logo depois de escutar
os bois cornudos que mugiam mansamente.
Após afugentar dos olhos descansados
o sono antes profundo, atentas à decência
todas puseram-se a compor as suas roupas,
as jovens, as idosas e também as virgens
ainda alheias aos deveres conjugais;
primeiro elas deixaram cair os cabelos
em ondas sobre os ombros alvos; em seguida,
cuidaram de ajustar ao corpo as mantas feitas
da pele de corças malhadas, cujos laços
estavam frouxos, mas usando em vez de cinto
víboras ágeis que lhes lambiam o rosto;
outras punham no colo filhotes de corças
e até de lobos, dando-lhes os seios túrgidos
do leite que lhes veio com a maternidade
— mães descuidosas dos filhos recém-nascidos.
Todas elas ornavam cuidadosamente
a fronte com coroas de folhas de hera

ou com belas flores silvestres; uma delas
bateu com o tirso numa rocha e fez jorrar
da mesma, num instante, um jato de água límpida;
outra, ferindo o chão com a sua varinha[22]
viu esguichar da terra por obra do deus
uma fonte de vinho. As que sentiam falta
do alvo leite, esfregavam no solo os dedos
e o recolhiam de repente em abundância.
Do tirso recoberto de folhas de hera
pingava o mel mais doce. Ah! Meu senhor e rei!
Por que não estavas presente para ver
o espetáculo? Gostarias sem dúvida
de dirigir tu mesmo preces fervorosas
ao deus que aqui blasfemas! Nós, simples pastores,
nos reunimos para trocar impressões
e discutir e chegamos à conclusão
de sermos todos testemunhas de prodígios
dignos de admiração. Um de nossos colegas,
que ia com maior freqüência à cidade
e conhecia bem a arte de falar,
nos dirigiu então as seguintes palavras:
‘‘Vós, que viveis aqui nas alturas sagradas
destas montanhas, estaríeis decididos
a me seguir na caça à soberana Agave,
mãe de Penteu? Ele nos agradecerá
se pudermos tirá-la deste coro báquico.’’
Nós concordamos e ficamos emboscados
no denso emaranhado da vegetação
dos bosques verdes. O momento era propício;
os cortejos estavam em preparativos
para participar de uma corrida báquica,
e todas as mulheres em competição
faziam em uníssono a invocação
a Íaco[23], a Brômio, filho de Zeus;
o alto monte, tendo à frente as suas feras,

participava de uma festa delirante
durante a qual tudo corria e se agitava.
De repente passou por mim saltando Agave;
na ânsia de agarrá-la eu também saltei
para fora da moita onde estava emboscado.
Mas ela urrava: ‘‘Estamos sendo perseguidas,
minhas cadelas lépidas! Vedes os homens?
Segui-me, acompanhai-me, armai-vos todas vós!
Empunhai vossos tirsos!’’ Sem hesitação
pusemo-nos em fuga para nos livrarmos
daquele bando de Bacantes furiosas,
querendo estraçalhar-nos de qualquer maneira.
Frustradas, elas se lançaram loucamente
sobre os bois que pastavam nos lugares planos;
sem ter nas mãos sequer o ferro de uma arma
— que vimos? — uma, com seus braços afastados
levantou uma vaca com o ubre túrgido,
mugindo sem parar; outras, usando as mãos,
esquartejavam as novilhas indefesas;
por toda parte era possível descobrir,
dispersos nas pastagens e mesmo nas árvores,
costelas, cascos bifurcados, que, suspensos
nos ramos dos pinheiros, gotejavam sangue.
Touros enfurecidos que as ameaçavam
com os seus chifres agressivos, num instante
tombavam e mil mãos de mulheres desciam
sobre seus corpos retalhando toda a carne
que lhes cobria os ossos, mais depressa, rei,
do que tu mesmo baixarias tuas pálpebras
sobre as pupilas. E como voam as aves,
impetuosamente elas precipitavam-se
em direção aos campos planos que se estendem
ao longo das margens do caudaloso Asopo,
onde se colhe muito trigo para Tebas.
Apoderando-se das aldeias de Eritras

e de Hisiás, bem perto do monte Citéron,
como uma horda delirante se lançavam
em massa contra elas, devastando tudo
e apoderando-se de todas as crianças.
Nada do que elas tinham nos ombros caía,
nem mesmo objetos feitos de ferro ou de bronze,
embora nada segurasse coisa alguma.
O próprio fogo, permeando seus cabelos,
não os queimava. Os habitantes das aldeias,
desesperados com tantas barbaridades,
armaram-se e lançaram-se contra as Bacantes.
Ah! Nosso rei! Vimos ali naquela hora
fatos prodigiosos! O ferro das lanças
não provocava sangramento em suas carnes
e com um simples arremesso de seus tirsos
elas cobriam de feridas hemorrágicas
seus inimigos. Aquelas frágeis mulheres
punham em fuga à sua frente os homens todos,
prova cabal de que algum deus as ajudava.
Depois desses prodígios vimo-las voltarem
ao lugar onde começou sua corrida,
às fontes que seu deus criara para elas,
lavando ali as mãos ainda ensagüentadas
enquanto suas víboras lambiam ávidas
todos os traços do sangue que inda corria
em suas faces. Meu senhor! Acolhe agora
em tua Tebas este deus, seja qual for,
pois ele é poderoso em todos os sentidos
e, além disso, pelo que nos foi contado,
ofereceu-nos, a nós, os simples mortais,
a vinha que nos livra de nossos pesares.
De fato, sem o vinho onde haveria amor?
Que encanto restaria aos homens infelizes?

Sai o 1º MENSAGEIRO

CORIFEU

Tenho receio de externar meu pensamento
com a máxima franqueza, mas de qualquer modo
devo dizê-lo: o deus Diôniso não tem
menos poderes que qualquer dos outros deuses.

PENTEU

Como uma chama que se eleva e nos envolve,
o despudor dessas Bacantes nos desonra
aos olhos de todos os gregos. Vamos logo!
Não é possível adiar nossa partida!

Dirigindo-se a um de seus guardas

Corre à porta de Electra[24]! Leva minhas ordens:
os cavaleiros que montam em meus corcéis
e aqueles cujas mãos fazem vibrar as cordas
dos arcos retesados, devem aprontar-se!
Chegou a hora de lutar contra as Bacantes!
Seria realmente passar dos limites
da tolerância consentir que essas mulheres
nos envergonhem com o seu procedimento!

DIÔNISO

Não queres escutar minhas palavras,
nobre Penteu; embora tenhas-me ultrajado,
declaro-te que não devemos empunhar
em tempo algum as armas contra as divindades,
e sim viver constantemente em paz com elas.
Jamais Baco permitirá a expulsão
do cortejo sagrado de suas Bacantes
dos montes onde ecoam gritos de Evoé.

PENTEU

Pois basta de lições! Não estás satisfeito
com tua fuga da prisão em que te pus?
Queres ser levado de volta para lá?

DIÔNISO

Em vez de escoicear contra quem te aguilhoa
— um simples mortal rebelado contra um deus —,
por que não lhe ofereces santos sacrifícios?

PENTEU

Vou dedicar-lhe o sacrifício merecido:
ondas de sangue serão derramadas hoje
nos flancos do Citéron por essas mulheres!

DIÔNISO

Fugireis todos! Que vergonha! As Bacantes
vencendo os escudos de bronze com seus tirsos!

PENTEU

Quer se sujeite à minha lei, quer nos ataque,
esse estrangeiro, um adversário invencível,
jamais há de fechar a boca concordando!

DIÔNISO

Podemos entender-nos, meu caro Penteu…

PENTEU

E que será de mim? Um servo de meus servos?

DIÔNISO

Posso trazer essas mulheres para ti
sem recorrer às armas ou à violência.

PENTEU

Ai! Ai de mim! Isto é um golpe de esperteza!
Preparas mais uma de tuas armadilhas!

DIÔNISO

Mas como, se me esforço para te salvar?

PENTEU

Sem dúvida tramaste com tuas Bacantes
ardis para perpetuar vossos cortejos!

DIÔNISO

Não nego que conspiro, mas só com o deus.

PENTEU

Dirigindo-se primeiro a seus guardas e depois a DIÔNISO

Trazei as minhas armas! Tu, fica em silêncio!

DIÔNISO

Gostarias de vê-las soltas nas montanhas?

PENTEU

Por certo, mesmo que custasse muito ouro.

DIÔNISO

De onde te veio este desejo violento?

PENTEU

Devo dizer que ficaria compungido
ao vê-las nessas condições constrangedoras.

DIÔNISO

Então sentes vontades de presenciar
um espetáculo que te causa desgosto?

PENTEU

Sinto, mas escondido entre os altos pinheiros.

DIÔNISO

Elas te estripariam onde te ocultasses.

PENTEU

Dou-te razão; mas vou de rosto descoberto!

DIÔNISO

De acordo. Queres que te guie? Estás pronto?

PENTEU

Leva-me sem delongas; não quero esperar.

DIÔNISO

Antes cobre teu corpo com roupas de linho[24a].

PENTEU

Como? De homem que sou transformas-me em mulher?

DIÔNISO

Matar-te-iam se te vissem como homem.

PENTEU

Falaste bem; já te mostraste sábio antes…

DIÔNISO

Porque Diôniso me inspira quanto a isto…

PENTEU

Como posso seguir teus ótimos conselhos?

DIÔNISO

Entremos no palácio; lá te vestirei.

PENTEU

Mas, com que trajes? De mulher? Eu coraria!

DIÔNISO

Já não tens pressa de surpreender as Mênades?

PENTEU

Descreve os trajes com que pretendes vestir-me.

DIÔNISO

Terás uma longa peruca na cabeça.

PENTEU

Qual seria a segunda peça do disfarce?

DIÔNISO

Um manto pregueado; na cabeça, a mitra.

PENTEU

Inda haverá mais peças além dessas três?

DIÔNISO

Na mão, um tirso; a pele de corça malhada..

PENTEU

Não me decido a me vestir como mulher.

DIÔNISO

Correrá sangue se quiseres atacá-las.

PENTEU

Bem dito; cuidarei primeiro de observá-las.

DIÔNISO

Pior é ser ferido querendo ferir.

PENTEU

Será possível cruzar Tebas sem ser visto?

DIÔNISO

Levar-te-ei pelos caminhos mais desertos.

PENTEU

Tudo, menos provocar risos das Bacantes!
Entremos no palácio e deliberemos.

DIÔNISO

Assim será, o meu desejo é ajudar-te.

PENTEU

Não ficarei parado aqui; vou comandar
os meus soldados, ou seguirei teus conselhos?

PENTEU entra nos restos do palácio

DIÔNISO

Dirigindo-se ao CORO

Mulheres! O homem caiu em nossas redes
e a morte será seu castigo por ousar
essa visita às Bacantes nas montanhas.
Chegou a hora de Diôniso atuar!
Não está longe a presa. Devemos puni-lo,
primeiro instilando agora em seu espírito

uma loucura irresistível que o transtorne;
se ele mantiver o seu bom-senso intacto
não quererá usar as roupas femininas,
mas se o perdeu as vestirá sem objeções.
Quero fazer os bons tebanos rirem dele
acompanhando-o pela cidade inteira
disfarçado em mulher, ele, que era temido
até agora por ameaçá-las sempre.
Mas devo ir até onde Penteu está
para ajustar as roupas que ele vai usar
quando descer ao Hades[25], morto pela mãe.
Ele hoje reconhecerá, embora tarde,
a força de Diôniso, filho de Zeus,
clemente com os homens, mas que também sabe
mostrar-se quando quer um deus dos mais temíveis!

DIÔNISO entra no palácio em ruínas

Coro

Vamos enfim juntar nossos pés nus
aos cortejos noturnos de Diôniso,
lançando para trás nossas cabeças
no ar umedecido pelo orvalho,
como corças saltando satisfeitas
nos verdes prados depois de escaparem
das redes escondidas nas veredas.
Mas de repente o caçador incita
com gritos a corrida de seus cães;
mais rápidas que as tempestades súbitas
elas saltam ao longo dos riachos
pelas campinas, procurando, aflitas,
bem longe dos homens desnaturados
a paz e a sombra da floresta escura.
Que é ciência, que é glória máxima,

presentes dos bons deuses, senão ter
nas mãos vitoriosas o inimigo?
O que é bom é sempre desejável.
Move-se lentamente a onipotência
das divindades, mas é infalível.
Elas dão o castigo às criaturas
condescendentes com a iniqüidade
e cuja mente devotada ao mal
tira dos deuses justas homenagens.
Graças a mil ardis elas ignoram
o perpassar do tempo e implacáveis
seguem até o fim as suas presas.
Mas nada nós devemos conceber,
nada devemos praticar na vida,
que esteja acima das divinas leis.
Não é difícil realmente crer
na onipotência de um poder supremo,
seja qual for a verdadeira origem
das divindades que desde os primórdios
e ao longo dos tempos imemoráveis
têm a força de lei entre os mortais,
pois vem da natureza sua origem.
Que é ciência, que é glória máxima,
presentes dos bons deuses, senão ter
nas mãos vitoriosas o inimigo?
O que é bom é sempre desejável[25a].
Feliz é quem pode escapar à morte
em pleno mar e chega vivo ao porto!
Feliz é quem consegue superar
as provações ao longo desta vida!
Alguns seres humanos vencem outros
em ventura e poder. São incontáveis
os míseros mortais, e incontáveis
as esperanças que eles acalentam.
Alguns chegam sem dúvida à riqueza,

mas para a maioria nada resta!
Consideramos bem-aventuradas
as criaturas que sabem gozar
toda a satisfação de cada dia!

DIÔNISO

Saindo do palácio em ruínas e dirigindo-se a PENTEU, que ainda estava no interior, disfarçado em mulher e parecendo embriagado

Tu, que tiveste tanta pressa para ver
o que teus olhos nunca deviam ter visto,
Penteu, tu, que persegues insistentemente
aquelas coisas de que se deve fugir,
sai do palácio e aparece à nossa frente
em trajes feminis, vestido de Bacante,
de Mênade! Espião de tua própria mãe
e de todas as suas fiéis companheiras,
serias confundido com as filhas de Cadmo!

PENTEU

Tenho a impressão de ver dois sóis e duas Tebas
com suas sete portas. Tu, que me conduzes,
agora te assemelhas a um touro bravo,
pois aos meus olhos aparecem grandes chifres
em tua fronte. Eras antes uma fera?
Vejo-te como se fosses de fato um touro.

DIÔNISO

O deus, até há pouco tempo revoltado,
hoje nos acompanha como nosso amigo.
Neste momento vês o que deve ser visto.

PENTEU

E eu, com quem pareço? Dou a impressão
de ser Inó[26] ou a minha própria mãe, Agave?

DIÔNISO

Vendo-te assim é como se eu tivesse ambas
diante de meus olhos. Mas houve descuido
em teu arranjo, pois está desfeito um cacho
de teus cabelos; deves pô-lo sob a mitra.

PENTEU

Eu a tirei de seu lugar há pouco tempo
em meu delírio báquico lá no palácio.

DIÔNISO

Sendo eu o responsável por tua aparência,
devo repô-la em sua posição correta.
Vamos, Penteu! Apruma-te! Ergue a cabeça!

PENTEU

Agora erguê-la-ei como convém; penteia-me
mais a teu gosto, pois estou em tuas mãos.

DIÔNISO

Cuidando de PENTEU

O cinto está frouxo demais e tua roupa
não cai, como devia, em pregas regulares
desde a parte de cima até os tornozelos.

PENTEU

Estou de acordo, ao menos quanto ao pé direito,
mas deste lado o véu deve descer um pouco,
para chegar ao calcanhar e encobri-lo.

DIÔNISO

Considerar-me-ás o teu melhor amigo
quando notares, contra a tua expectativa,
a castidade com que vivem as Bacantes.

PENTEU

Devo empunhar o tirso assim, com a mão direita,
ou com a esquerda como se eu fosse uma Mênade?

DIÔNISO

Convém movê-lo com a tua mão direita
e levantar o pé direito ao mesmo tempo.
Assim! Mudou incrivelmente o teu espírito!

PENTEU

Em tua opinião posso levar nos ombros
todo o monte Citéron e mais as Bacantes?

DIÔNISO

Se desejares, poderás; há pouco tempo
estavas perturbado, mas agora não.

PENTEU

Achas que eu deveria usar uma alavanca
para mover com minhas próprias mãos o monte,
erguendo-o até os ombros com meus braços?

DIÔNISO

Toma cuidado, pois assim destruirias
os santuários onde as graciosas Ninfas
costumam reunir-se e os abrigos de Pan[27]!

PENTEU

Falaste bem. Não devemos usar a força
contra mulheres; ficarei entre os pinheiros.

DIÔNISO

Poderás esconder-te onde te convier
para observar as Mênades sem que elas notem.

PENTEU

Já me vejo nos bosques para surpreendê-las
em seus rústicos leitos e até imagino-as
cativas como pássaros em minhas redes!

DIÔNISO

Não é com este intuito que vais espreitá-las?
Podes prendê-las, se não fores preso antes…

PENTEU

Conduze-me através de Tebas sem demora!
Ninguém aqui é tão ousado como eu.

DIÔNISO

Apenas tu te arriscas por esta cidade.
Esperam-te lutas dignas de ti, Penteu.

Segue-me. Levo-te como amistoso guia,
mas no regresso te trará outra pessoa…

PENTEU

Sim; minha mãe.

DIÔNISO

Diante dos olhos de todos…

PENTEU

Por isso vou partir.

DIÔNISO

… regressarás nos braços…

PENTEU

Serei tão frágil?

DIÔNISO

… de tua bondosa mãe.

PENTEU

Deixas-me ufano!

DIÔNISO

A tua ufania é justa!…

PENTEU

Irei tentar um feito digno de meu nome!

PENTEU afasta-se, seguido por um guarda (o 2º MENSAGEIRO)

DIÔNISO

Deplorável herói! Destino deplorável!
Escalarás o céu ao encontro da glória.
Estende-lhe teus braços maternais, Agave!
E vós também, filhas de Cadmo, estendei,
solícitas, os braços para vosso irmão
que vai travar este combate portentoso,
a ser vencido hoje por mim mesmo e Brômio!
Os acontecimentos dirão os detalhes.

Sai DIÔNISO na mesma direção de PENTEU e do guarda

CORO

Ide, cadelas céleres da raiva[27a],
ide para onde as filhas de Cadmo
reúnem seus cortejos na montanha!
Enfurecei-as contra este homem
dissimulado em roupas de mulher,
que, alucinado, quer espionar
as Mênades em seus acampamentos!
À frente das demais a própria mãe
desse profanador vai querer vê-lo
do alto de um penedo desolado,
como se se tratasse não de mãe
mas de assaltante atento na tocaia.
Ela disse o seguinte às outras Mênades:
‘‘Quem é o homem que chegou aqui
para acuar as filhas do rei Cadmo
em suas correrias na montanha?

Quem ousa aparecer nestas alturas,
a nós, Bacantes? Quem o deu à luz?
Um monstro assim não pode ter saído
do ventre de uma mulher como nós,
mas de alguma leoa, ou pior,
das entranhas das Gôrgonas da Líbia![28]’’
Venha a justiça fulgurante, armada
com sua espada e corte mortalmente
o pescoço do criminoso ímpio
e insensível que nasceu de Equíon[29],
um vômito da terra generosa!
Para quem, motivado por maldade
e pelo seu furor desenfreado,
veio atacar teu culto agora, Baco,
e a devoção de tua mãe, Semele,
no desespero de seu coração
e na insânia de sua audácia,
como se dominasse o Invencível,
existe apenas um poder capaz
de refrear seus ímpetos: a Morte
impaciente. Quem apenas pensa
como uma frágil criatura efêmera
leva uma vida isenta de tormentos.
Não aspiramos à sabedoria;
preferimos lutar por outros bens
materiais e de maior valor.
Queiram os céus que toda a nossa vida
transcorra em comunhão com a beleza,
e dia e noite, puras e devotas,
adoremos os deuses, desprezando
as práticas contrárias à justiça!
Venha a justiça fulgurante armada
com sua espada e corte mortalmente
o pescoço do criminoso ímpio
e insensível que nasceu de Equíon,

um vômito da terra generosa!
Mostra-te a nós sob a forma de um touro
ou de um dragão de múltiplas cabeças,
ou de um leão fogoso e belo, Baco!
Vai e com um sorriso aprisiona
com tua rede que provoca a morte
o ímpio caçador destas Bacantes
e deixa seu cadáver entre as Mênades
que o levarão em seu cortejo estrídulo!

Entra o 2º MENSAGEIRO

2º Mensageiro

Ah! Casa outrora florescente em nossa Tebas
do ancião de Sídon[30] que lançou aqui
os dentes do dragão filho da terra! Choro!
Choro por ti, embora seja um mero escravo,
mas os bons servidores sempre participam
de todas as adversidades de seus donos.

Corifeu

Que há? Que novidades trazes das Bacantes?

2º Mensageiro

Penteu, filho de Equíon, não existe mais!

Corifeu

Mostras que és um deus grande e poderoso, Brômio!

2º Mensageiro

Que dizes? De que falas? Então é possível
que a desventura de meu rei cause alegria?

CORIFEU

Iremos demonstrar nosso contentamento
com hinos bárbaros; não nos causa temor
a perspectiva de sermos acorrentadas.

2º MENSAGEIRO

Pensas que em Tebas haja tanta covardia?

CORIFEU

Não manda em nós esta cidade; só Diôniso
tem o poder para dar ordens às Bacantes!

2º MENSAGEIRO

Posso até desculpar-vos, mas o vosso júbilo
diante desta desventura é odioso.

CORIFEU

Explica-nos! Descreve logo a morte dele,
desse artesão injusto de tanta injustiça!

2º MENSAGEIRO

Quando deixamos Tebas em nossa jornada
e cruzamos o Ásopo[31] (eu e Penteu),
iniciamos a escalada do Citéron
pelas encostas íngremes do alto monte,
guiados por Diôniso. Paramos logo

num vale atapetado de ervas que abafavam
o som de nossos passos e de nossas vozes,
a fim de vermos sem ser vistos. Esse vale
de acessos escarpados e fundo banhado
por torrentes correndo à sombra dos pinheiros,
era o esconderijo de incontáveis Mênades.
Algumas delas coroavam novamente
com ramos de hera seus tirsos desguarnecidos;
outras, como se fossem potras que acabavam
de livrar-se afinal dos freios, entoavam
e repetiam hinos de louvor a Baco
à semelhança do eco. Penteu, nesse instante,
sem perceber tantas mulheres no cortejo
— ah, infeliz! — gritou: ‘‘Estás vendo, estrangeiro,
deste lugar a que acabamos de chegar
as Mênades em seus folguedos imorais?
Subamos ao rochedo e do alto de um pinheiro
dos mais frondosos, verei com meus próprios olhos
todas as atitudes indecentes delas!’’
Desde aquele momento vi o estrangeiro[32]
fazer milagres sucessivos; de repente
ele pegou pela parte mais saliente
um galho de pinheiro erecto em pleno ar,
baixando-o até tocar no solo negro.
Então, como se distendesse um grande arco,
ou como um ótimo ferreiro quando curva
o arco de uma roda para compeli-lo
a seguir fielmente o risco do compasso,
assim vergou o galho a mão desse estrangeiro
até o chão, num gesto que excedia a força
de qualquer criatura humana. Logo após
ele prendeu Penteu no galho, e sem soltá-lo
deixou-o retornar à posição normal,
tendo o cuidado de evitar que a montaria
não se livrasse logo de seu cavaleiro.

O galho retesou-se em direção ao céu,
levando meu senhor com ele para o alto.
Penteu foi descoberto e não pôde escapar
aos olhares das Mênades. Naquele ponto
já não o víamos, e uma voz nas alturas
— Diôniso, sem qualquer dúvida — gritou:
‘‘Entrego-vos, filhas queridas, este homem
que riu de vós, de mim e de meus sacros ritos.
Agora é vossa vez! Agi! Vingai-vos dele!’’
Enquanto ele falava uma chama divina
brilhou a certa altura unindo a terra ao céu.
Depois o ar silenciou e a folhagem
do vale coberto de bosques se calou
e ninguém mais ouvia gritos de animais.
As Mênades não entenderam no momento
a instigação do deus; elas se levantaram
voltando os olhos para todos os recantos,
e o deus teve de repetir a sua ordem;
tomando consciência do comando báquico,
as filhas do vivido Cadmo, num impulso
não menos repentino que o das alvas pombas,
puseram-se a saltar, e a ânsia de correr
apoderou-se da mãe de Penteu — Agave —,
e de suas irmãs e das Bacantes todas.
De um salto elas atravessaram num instante
a torrente do vale, graças ao furor
que o deus lhes transmitia. Repentinamente
puderam enxergar o meu senhor — coitado! —
vociferando nas alturas do pinheiro.
De súbito, subindo num rochedo próximo,
em frente à árvore, elas deram início
a uma verdadeira chuva de calhaus;
depois lançaram contra ele, como dardos,
galhos sem conta destacados de pinheiros;
outras arremessaram de qualquer maneira

seus tirsos para o alto visando Penteu
— alvo pungente! —; o infeliz, paralisado
pela estupefação, estava pendurado
a uma altura desmedidamente grande
para que qualquer delas pudesse atingi-lo
com toda a sua raiva. Afinal, partindo
estrepitosamente galhos de carvalho
elas cavaram e com essas picaretas
sem ferro revolveram as duras raízes.
Mas, como esse esforço não dava resultados,
Agave esbravejou: ‘‘Vamos! Fazei a volta,
Mênades, minhas companheiras! Destruí
o tronco para finalmente capturarmos
a fera que está lá em cima, pois assusta-nos
a possibilidade de ela revelar
as danças e os mistérios de nosso deus!’’
E mil mãos atacaram sem perda de tempo
a árvore e a arrancaram da mãe-terra!
Penteu, que estava montado num galho alto,
caiu vertiginosamente em pleno chão,
gritando e lamentando-se, pois intuiu
a aproximação da hora de morrer.
Agave, sua mãe, à frente das Bacantes,
iniciando a imolação sanguinolenta
da qual ela seria a sacerdotisa,
pulou sobre seu filho; este, arrancando a mitra
a custo de sua cabeça e ansioso
por ser reconhecido logo pela mãe
e salvo assim da morte a que ela a condenara,
disse-lhe enquanto lhe acariciava o rosto:
‘‘Sou eu, querida mãe! Sou teu filho Penteu,
que deste à luz no palácio do antigo Equíon!
Ah! Mãe! Apieda-te de mim! Não sacrifiques
teu filho para castigar as suas faltas!’’

Agave, pondo muita espuma pela boca
e revirando os olhos desvairadamente,
como se Baco a possuísse, não o ouviu.
Ela prendeu com suas mãos o braço esquerdo
do filho, e com um pé premindo um de seus flancos
deslocou-lhe a espádua e arrancou-a,
sem dúvida não com as suas próprias forças
mas com aquelas que lhe transmitia o deus.
Inó fez sobre o outro flanco a mesma coisa
e lacerou as carnes do pobre Penteu
enquanto Autônoe e as outras mulheres
vinham trazer-lhe mais ajuda. Só se ouviam
lamentações confusas e Penteu gemia
nos momentos finais da luta contra a morte;
ao mesmo tempo as três irmãs, gritando uníssonas,
aceleraram o esquartejamento; uma
logo arrancou do moribundo um de seus braços;
outra um dos pés inda calçado na sandália,
e as três tiraram de seus flancos lacerados
as carnes palpitantes. Com as mãos sangrentas,
como se disputassem um jogo de bola
elas lançavam em todas as direções
restos do corpo de Penteu; pedaços dele
jaziam em vários lugares entre as rochas
e até nos galhos altos de árvores frondosas,
de onde seria dificílimo tirá-los.
Quanto à cabeça do desventurado, Agave
tomou-a entre as mãos e conseguiu fincá-la
sobre seu tirso; ela — coitada! — imaginava
que era a cabeça de um leão, mostrando às Mênades
pelos caminhos do Citéron seu troféu.
Ela incumbiu suas irmãs de organizarem
as danças dos cortejos sacros e orgulhava-se
de sua presa deplorável; em seguida
iniciou a marcha em direção a Tebas,

chamando Baco, seu parceiro e companheiro
de expedições de caça, o belo vencedor
a quem ela queria oferecer, contrita,
um condigno troféu cheio de suas lágrimas.
Minha intenção é vos dizer agora adeus,
pois vou fugir em face desses infortúnios
e não desejo ver a inditosa Agave
chegando a seu palácio em tais condições.
A conduta mais bela e sábia — penso eu —
e a mais segura para todos os mortais
é respeitar os deuses e ser moderado.

Sai o 2º MENSAGEIRO

CORO

Dancemos todas em honra de Baco!
Celebremos aos gritos a derrota,
a desgraça do filho do dragão,
o rei Penteu, que usando ousadamente
os trajes femininos e empunhando
o santo tirso e até a varinha
— presságio de morte inevitável —
e precedido pelo touro sacro,
chegou aqui para ser imolado.
Ah! Numerosas Mênades cadméias!
Vosso exaltado canto triunfal
chega a seu termo com pranto e lamentos!
Nobre combate aquele em que no fim
se enlaça o corpo de um filho querido
com os braços mergulhados em seu sangue!

CORIFEU

Vejo correndo em direção às nossas portas
Agave, mãe do rei Penteu; também observo

o seu olhar esgazeado. Acolhamos
aqui em Tebas o cortejo de Diôniso!

Entra AGAVE, ensangüentada, com as roupas em desordem e tendo nas mãos a cabeça de PENTEU, pensando que trazia um filhote de leão; em uma das mãos ela traz um ramo de hera

AGAVE

Bacantes lá da Ásia!

CORO

Por que gritas?

AGAVE

Trago para o palácio um ramo de hera
recém-cortado. É um troféu de caça.

CORO

Vemo-lo e te acolhemos neste grupo.

AGAVE

Sem redes e sem armas apanhei
este filhote de leão; olhai-o!

CORO

Dize-nos logo de onde estás chegando!

AGAVE

O Citéron…

CORO

Por que nos falas dele?

AGAVE

… viu claramente quando ele morreu.

CORO

Quem o feriu, causando a sua morte?

AGAVE

Coube-me a honra em primeiro lugar,
a mim, a muito venturosa Agave
(assim me chamam nos cortejos báquicos).

CORO

E a quem ela coube depois de ti?

AGAVE

A Cadmo…

CORO

A Cadmo? Mas, dize-me como?

AGAVE

Às duas filhas do vivido Cadmo,
mas antes delas eu feri a presa…
Bela caçada! Festejai também!

CORO

Como, infeliz? Queres que festejemos?

AGAVE

Que bezerrinho lindo! Ainda cresce
na cabecinha do pobre animal
um pêlo bem macio e abundante!

CORO

Ele é peludo como várias feras.

AGAVE

Diôniso, um hábil caçador,
pôs na pista da fera suas Mênades.

CORO

Ele é um grande caçador, um mestre.

AGAVE

Mas não me louvareis?

CORO

Louvar-te-emos.

AGAVE

Minhas irmãs…

CORO

… E teu filho Penteu.

AGAVE

Ele me louvará pela captura
deste feroz filhote de leão.

CORO

Brilhante presa…

AGAVE

Sim, mais que brilhante.

CORO

Estás, então, no auge da alegria?

AGAVE

Alegram-me estes feitos memoráveis
— sim, memoráveis feitos desta terra!

CORIFEU

Ah! Infeliz!… Exibe aos cidadãos de Tebas
a tua presa, o belo troféu de vitória
que vens trazendo, eufórica, em tuas mãos!

AGAVE

Vinde, habitantes numerosos da cidade
ornada de altaneiras torres! Admirai
este leão morto pelas filhas de Cadmo,

não com projéteis téssalos inevitáveis
presos por correias de couro a quem os lança,
nem nas malhas de redes, mas com nossas mãos,
autoras únicas de toda esta proeza!
A partir deste dia nenhum caçador
deve orgulhar-se de conseguir dos artífices
armas supérfluas; com nossas próprias mãos,
e nada mais, pudemos capturar a fera!
Elas bastaram-nos para tirar-lhe a vida,
deixando-a sem a cabeça! Onde está
meu velho pai? Queremos que ele se aproxime.
E meu filho Penteu está aí? Ordeno-lhe
que mande buscar uma escada e a encoste
nestas muralhas; mando que ele suba logo
pelos degraus seguros para pendurar
nos tríglifos[33] esta cabeça de leão,
a presa valiosa que venho trazendo!

Entra CADMO seguido por servos que trazem numa maca os restos desmembrados do corpo de PENTEU

CADMO

Segui-me, portadores deste triste fardo!
Segui-me, escravos meus, pois desejo depor
em frente a meu palácio os restos de Penteu,
penosa e demoradamente procurados
e achados nos atalhos do monte Citéron;
lá recolhi seus restos mortais espalhados
em mil lugares, entre as árvores dos bosques,
uma tarefa imensamente cansativa.
Depois de me afastar das Mênades sem número
eu já voltava às muralhas da cidade
com o velho Tirésias, meu companheiro,
quando soube do crime de minhas três filhas.
Retomei o caminho que leva à montanha

e dela estou trazendo o corpo de Penteu,
reduzido a pedaços pelas mãos das Mênades.
Lá vi Autônoe, uma de minhas filhas,
esposa de Aristeu famoso e mãe de Actáion[33a],
com sua irmã Inó, andando sem destino,
aguilhoadas por um delírio sinistro,
errantes entre as árvores; fiquei sabendo
que Agave saíra apressada para cá
em sua correria báquica incessante.
E não é falsa essa notícia, pois a vejo
à minha frente, um espetáculo horroroso!

AGAVE

Podes sentir, meu pai, o orgulho incomparável
de haver gerado as filhas mais destemerosas
que em qualquer tempo algum mortal pôde engendrar.
Sim, esta é a verdade quanto a todas nós,
porém de mim ainda mais, pois desprezei
fusos e lançadeiras só para aspirar
a feitos muito altos, dedicada à caça
com minhas próprias mãos às feras da floresta.
E está visível em meus braços esta prova,
que trago aqui, de uma coragem singular,
para ser vista nas muralhas da cidade.
Recebe em tuas mãos este troféu, meu pai!
Orgulha-te de meu feito nesta caçada
e chama teus amigos todos para a festa,
pois és feliz — sim, és o mais feliz dos pais! —
porque nossa proeza foi maravilhosa.

CADMO

Ah! Dor imensa! Ah! Espetáculo horroroso!
O sangue maculando tuas tristes mãos…

Eis a tua proeza!… É certamente bela
a vítima que acabas de imolar aos deuses,
em honra da qual tu nos convidaste, a mim
e a Tebas, para a festa comemorativa.
Choro primeiro por teu infortúnio enorme
e também pelo meu, pois na realidade
o deus, mais do que nos ferir com duplo golpe,
acaba de matar-nos, de nos extinguir,
ele, o divino Brômio, de nossa raça!

AGAVE

Como a senilidade torna o humor amargo
e tristes os contactos! Ah! Se Penteu fosse
bom caçador, tão valoroso quanto eu mesma,
acompanhando sempre seus jovens amigos
nas correrias em perseguição às feras!
Mas ele sabe apenas lutar contra os deuses!
É hora de adverti-lo. Ordena-lhe, meu pai,
que venha até aqui, diante de meus olhos,
para ser testemunha de minha ventura!

CADMO

Como sou infeliz! Ah! Mulheres de Tebas!
Quando recuperardes vossa lucidez
sofrereis atrozmente vendo o vosso feito!
E se deveis permanecer até o fim
no estado em que vos vejo, tenho de pensar
que se a felicidade vos abandonou
ao menos ignorais a vossa desventura!

AGAVE

Vês neste instante algo menos belo, ou lúgubre?

CADMO

Eleva teu olhar primeiro ao firmamento…

AGAVE

Ei-lo elevado; por que devo olhar assim?

CADMO

Ele é o mesmo, ou te parece diferente?

AGAVE

Agora vejo-o mais puro e mais brilhante.

CADMO

Perturba a tua alma o estupor de hoje?

AGAVE

Não te entendi ainda, mas já volto a mim…
Estou sentindo uma mudança em meu espírito…

CADMO

Queres ouvir-me e responder-me claramente?

AGAVE

Quero, meu pai, pois esqueci do que te disse.

CADMO

A quem te dei em casamento, minha filha?

AGAVE

Deste-me como esposa ao pretendente Equíon
(dizem que ele nasceu dos dentes do dragão).

CADMO

Que filho deste à luz no lar de teu marido?

AGAVE

Penteu; ele é o fruto de nossos amores.

CADMO

De quem é a cabeça que tens em teus braços?

AGAVE

É de um leão, a crer em minhas companheiras.

CADMO

Então observa-a e vê se a reconheces.

AGAVE

Ai! Ai de mim! Que vejo? Que tenho em meus braços?

CADMO

Torna a olhar, para teres maior certeza.

AGAVE

Como sou infeliz! Vejo uma dor enorme!

CADMO

Isto de fato se assemelha a um leão?

AGAVE

Não… Ai de mim!… Trouxe a cabeça de Penteu…

CADMO

… chorada por nós antes de a reconheceres!

AGAVE

Quem o matou? Como está ela em minhas mãos?

CADMO

À parte

Revelas-te tarde demais, triste verdade!

AGAVE

Fala! Meu coração palpita enquanto espero!…

CADMO

Tu mesma o degolaste com tuas irmãs.

AGAVE

Em que lugar ele morreu? Foi no palácio?

CADMO

Foi onde os cães um dia mataram Actáion[34].

AGAVE

Que foi fazer o infeliz lá no Citéron?

CADMO

Ele se opunha a Baco e às suas orgias.

AGAVE

Mas, como fomos nós parar naquele monte?

CADMO

Levou-te esse delírio teu e da cidade.

AGAVE

Agora compreendo… Perdeu-nos Diôniso…

CADMO

Negando que ele fosse deus o ofenderam.

AGAVE

E o corpo de meu filho amado, onde está?

CADMO

Mostrando os restos de PENTEU trazidos por seus servos

A duras penas o encontrei; está aqui.

AGAVE

Pudeste reunir decentemente, pai,
seus membros espalhados? Dize-me se sabes:
que teve a ver Penteu com a minha demência?

CADMO

Em seu desprezo pelo deus ele portou-se
tão loucamente quanto vós em vosso culto.
Num golpe só Diôniso nos envolveu
nessa desgraça única para arruinar
o meu palácio — sim, vós, ele mesmo e eu!
Privado de ter filhos homens — ai de mim!,
vejo este filho único que deste à luz
morto desta maneira horrível, deplorável!

Dirigindo-se aos restos mortais de PENTEU

Tu, para quem o palácio não se cansava
de erguer os olhos em busca de um protetor,
minha criança, tu, filho de minha filha,
temido pelos habitantes da cidade
a ponto de ninguém pensar em afrontar
este velho que sou sem receber na hora
a punição, só por ver o teu rosto enérgico,
morreste! Agora, sem a tua proteção
serei expulso infamemente do palácio,
eu, o famoso Cadmo, visto aqui outrora
semeando e colhendo a mais famosa messe
— a raça dos tebanos! Mais caro dos homens!
Serás contado, embora já não tenhas vida,
entre meus entes adorados! Nunca mais
acariciarás este meu velho queixo
com tuas mãos, nem me darás os teus abraços
chamando-me de pai de tua mãe, dizendo-me:

‘‘Quem ousa te ofender ou ultrajar, meu velho?
Quem te perturba e te constrange o coração?
Dize, pois punirei quem te fez mal, meu pai!’’
E agora sou um infeliz como tu foste;
merece lamentos sentidos tua mãe
e são infelicíssimas as irmãs dela.
Se ainda existe alguém que desafie os deuses,
diante dos restos mortais deste infeliz
comece a respeitá-los desde este momento!

CORIFEU

Partilho a tua dor; o filho infortunado
de tua filha foi punido justamente,
mas mesmo assim estás sofrendo muito, Cadmo!

AGAVE

Vês a mudança que houve em minha sorte, pai?
Ah! Se eu não tivesse manchado minhas mãos
com este crime!… Como poderei agora,
tão infeliz, ter a coragem de apertar
contra meus seios este corpo mutilado
no qual não tenho ânimo nem de tocar?
Que hino fúnebre poderei entoar?
Quero abraçar todos os membros de meu filho!…
Quero beijar também as carnes que nutri…
Ajuda-me, ancião, a ajustar ao tronco
deste infeliz sua cabeça ensangüentada!…
Recomponhamos, se pudermos, este corpo
até há pouco tempo sem rival na força…
Ah! Imagem querida!… Ah! Face tenra e jovem!…

Pondo um véu sobre os restos mortais de PENTEU

Vou ocultar com este véu tua cabeça
e teus membros desconjuntados e sangrentos
onde minhas unhas cavaram estes sulcos!…

Aparece DIÔNISO suspenso no ar para subir aos céus

DIÔNISO

Pecando por despeito e por brutalidade[35]
ele tratou injustamente um benfeitor,
encarcerando-o de maneira humilhante,
cobrindo-o de ultrajes. Esta foi a causa
da morte de Penteu pela mão de parentes,
ao mesmo tempo justa e contra a natureza.
Não deixarei de mencionar os grandes males
que o povo desta terra terá de sofrer.
Os ofensores deixarão esta cidade
para apagar a nódoa vinda do crime.
Eles não poderão permanecer na pátria!
Os assassinos nunca mais terão direito
de viver perto da tumba de suas vítimas.
Agora, Cadmo, eis as desditas que te esperam:
irás mudar de forma e serás um dragão,
e Harmonia, tua esposa, filha de Ares,
embora seja como tu um ser humano,
tornar-se-á um animal — uma serpente.
Afirma um oráculo que guiarás
com tua esposa um carro puxado por bois;
no comando de bárbaros destruirás
muitas cidades com um numeroso exército.
Mas quando teus subordinados saquearem
o templo sacrossanto de Apolo profeta,
eles recuarão num retorno funesto.
Pela graça de Ares, tu e Harmonia
conseguireis salvar-vos de grandes perigos.
Depois o deus transferirá vossa existência

para os domínios dos bem-aventurados.
Eu, de quem ouves hoje esta revelação,
não sou filho de criaturas deste mundo,
e sim de Zeus, pois sou Diôniso, um deus.
Se houvésseis, vós, tebanos, sabido guardar
em vossos corações a útil sapiência
(mas não quisestes), gozaríeis certamente
a aliança e a felicidade báquica!

AGAVE

Tem piedade! Ofendemos-te Diôniso!

DIÔNISO

Quando devíeis não me honrastes; já é tarde!

AGAVE

Compreendemos, mas teus golpes são duríssimos.

DIÔNISO

Fui ultrajado por vós todos, eu, um deus!

AGAVE

Deixem os deuses o rancor para os mortais…

DIÔNISO

Há tempo, Zeus, meu pai, fixou vosso destino.

AGAVE

O deus condena-nos ao triste exílio, Cadmo!

DIÔNISO

Por que tardais se são fatais minhas palavras?

CADMO

Abraçando AGAVE

Caimos num abismo onde só vejo males,
tu e tuas irmãs e eu — quanta desgraça!
Como simples intruso, eu, um ancião,
irei para terras longínquas dos bárbaros,
marcado pelos deuses para conduzir
uma horda confusa apenas de estrangeiros,
contra gregos iguais a nós, acompanhado
por Harmonia, minha esposa, filha de Ares,
transformada em serpente como eu mesmo, Agave.
Terei de dirigir as lanças contra os túmulos
e os altares dos gregos, e meu infortúnio
jamais terá um fim, e não repousarei
nem mesmo quando atravessar o Aqueronte[36]!

AGAVE

E eu, meu pai, irei sem ti para o exílio!

CADMO

Por que devo abrigar-me entre teus braços, filha,
como um idoso cisne de plumagem alva?

AGAVE

Mandada pelo deus para longe da pátria,
a que lugar me levarão meus passos? Dize-me!

CADMO

Não sei; é pouca a ajuda que te posso dar.

AGAVE

Adeus, palácio! Adeus, cidade de meus pais!
Deixar-vos-ei para seguir em direção
à desventura, expulsa do lar e do tálamo!

CADMO

Vai para a terra onde Aristeu perdeu a vidas[37]!

AGAVE

Gemo por ti, meu pai!…

CADMO

E eu, filha, por ti!
Também lamento a sorte de tuas irmãs.

AGAVE

Diôniso, o rei, lançou sobre teu lar
impiedosamente um castigo horroroso!

DIÔNISO

Injuriastes-me impiedosamente!
Tebas negou as homenagens a meu nome!

AGAVE

Adeus, meu pai!

Cadmo

Adeus, filha desventurada!
Será muito difícil tua salvação.

Agave

Dirigindo-se às mulheres do CORO

Levai-me! Conduzi-me até onde ficaram
minhas irmãs, desventuradas como eu
e minhas companheiras únicas de exílio!
Vamos até onde o Citéron execrável
não possa ver-nos nem meus olhos possam vê-lo,
lugares onde nada me faça pensar
em meus cortejos! Cuidem disso outras Bacantes!

Retira-se AGAVE, seguida pelo CORO, que sai cantando lentamente enquanto DIÔNISO desaparece nas alturas

Coro

A vontade de um deus tem muitas formas
e muitas vezes ele surpreende-nos
na realização de seus desígnios.
Não acontece o que era de esperar
e vemos no momento culminante
o inesperado. Assim termina o drama[38].

Fim

Notas às *Bacantes*

1. A Lídia era uma região da Ásia Menor, rica em ouro e muito próspera na Antiguidade.

2. Bactriana: uma das satrapias da Pérsia. A Média também fazia parte do império persa.

3. Tmolo: montanha da Lídia e a região onde ela se elevava.

4. O Citéron é uma montanha que domina Tebas.

5. Báquio: um dos epítetos de Diôniso, além de Baco e Brômio.

5a. ‘‘Evoé’’ era um grito de júbilo das Bacantes (devotas de Baco). A expressão deriva de Évio, outro epíteto de Diôniso, e era a saudação ao deus em seu culto e suas festas.

6. Os Curetes eram gênios benfazejos que criaram Zeus na ilha de Creta.

7. Os Coribantes eram companheiros dos Curetes.

8. O rio Tmolo, situado na Lídia, corria num leito de areias auríferas.

8a. ‘‘Saber… sábio’’: mantivemos na tradução esta e outras repetições do original.

9. Baco: veja-se a nota 5.

10. Afrodite era a deusa do amor na mitologia grega.

11. As ‘‘célebres sementes’’ são os dentes do dragão, dos quais nasceram os Espartos (*spartoí*, ‘‘homens semeados’’), os primeiros habitantes de Tebas, já crescidos e armados. O ‘‘estrangeiro’’ aqui é Penteu.

11a. Aqui Diôniso não é apenas o deus do vinho, mas o próprio vinho divinizado, que é oferecido em libações a outros deuses; estes, por sua vez, nos favorecem.

12. O jogo de palavras, intraduzível para o português, em grego é em torno de *hômeros* (refém) e *mêros* (coxa).

13. Ares é o deus da guerra dos gregos.

14. O ‘‘rio bárbaro’’ é o Nilo. Faros era uma das cidades do delta do Nilo.

15. Sardes era a principal cidade da Lídia (veja-se a nota 1).

16. Penteu *(Pentheús)* é derivado de *pénthos* (luto, dor).

17. Aqueloo é o rio mais longo da Grécia, tido como o ‘‘pai das fontes’’, inclusive Dirce, situada em Tebas. ‘‘Ditirambo’’, no verso 688, é um epíteto de Diôniso, significando ‘‘pomposo’’.

18. Os ‘‘montes Corícios’’ eram uma montanha muito alta na Cilícia. No verso anterior, Nisa: havia diversas montanhas com esse nome, ficando a mais famosa na Eubéia; outra situava-se na

Índia, e também estaria ligada à lenda de Diôniso, cujo nome tem relação com Nisa.

19. Évio: veja-se a nota 5a.

20. Piéria: região situada na Tessália ou na Macedônia, onde as Musas se reuniam.

21. Áxio e Lídias são rios da Macedônia, onde os eqüinos eram famosos por sua beleza.

22. Varinha: o *nárthex* usado pelas devotas de Diôniso, talvez antepassado da ‘‘varinha mágica’’ ou ‘‘de condão’’ dos contos de fadas.

23. Íaco: outro nome de Diôniso.

24. Electra era o nome de uma das sete portas de Tebas.

24a. Somente mulheres usavam linho em suas roupas.

25. Aqui Hades significa as profundezas infernais, para onde iam os mortos.

25a. A repetição destes quatro versos (1177-1180) está no original (vejam-se os versos 1150-1153).

26. Inó: irmã de Semele e filha de Cadmo.

27. Pan era o deus da vida campestre e protetor dos pastores.

27a. ‘‘Cadelas céleres’’: a raiva canina, significando aqui a vingança.

28. As Gôrgonas eram três irmãs monstruosas, cujo olhar petrificava quem as via.

29. Equíon era um dos sobreviventes dos homens nascidos dos dentes do dragão semeados em Tebas por Cadmo. Os versos 1320-1324 são uma repetição dos versos 1295-1299.

30. O ‘‘ancião de Sídon’’ é Cadmo.

31. Ásopo: rio próximo a Tebas e ao monte Citéron.

32. O ‘‘estrangeiro’’ é Diôniso.

33. Os tríglifos eram ganchos ornamentais de ferro presos no topo das muralhas; neles se penduravam os troféus conquistados em guerras.

33a. Aristeu: filho de Apolo, casado com Autônoe, irmã de Agave. Ele teria morrido no monte Hemos, que separa a Trácia da Tessália. Actáion era neto de Apolo e um caçador famoso. Por ter visto Ártemis nua, foi transformado em veado e morto por seus próprios cães, açulados pela deusa.

34. Veja-se a nota anterior.

35. A partir deste verso e até o verso 1758 há várias lacunas nos manuscritos das *Bacantes*, preenchidos tentativamente pelos filólogos modernos com base em versos atribuídos a Eurípides na tragédia sacra *Christus Patiens*, atribuída a São Gregório Nazianzeno.

36. Aqueronte: o rio que os mortos tinham de atravessar para chegar aos infernos.

37. Veja-se a nota 33a.

38. Veja-se o final da *Medéia* de Eurípides, em nossa tradução publicada também por Jorge Zahar Editor, praticamente igual ao das *Bacantes*.

Trabalhos publicados por Mário da Gama Kury

1. *Dicionário de mitologia grega e romana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 7a ed., 2003.
2. "O grego no 2º milênio a.C.", in *Revista Filológica* n.7, 1957.
3. Introdução à *Oração da coroa* de Demóstenes, na tradução de Adelino Capistrano, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
4. Introdução às *Vidas de Alexandre e César* de Plútarcos, na tradução de Hélio Veiga, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.

Traduções do grego com introdução e notas

5. Aristófanes. *As nuvens, Só para mulheres, Um deus chamado dinheiro*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª ed., 2003.
6. Aristófanes, *As vespas, As aves, As rãs*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª ed., 2004.
7. Aristófanes, *A greve do sexo* e *A revolução das mulheres*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 5ª ed., 2002.
8. Marco Aurélio, *Meditações*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.
9. Aristófanes, *A paz* — Menandro, *O misantropo*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.
10. Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, Brasília, Editora UnB, 3 ª ed., 1988.
11. Aristóteles, *Política*, Brasília, Editora UnB, 1985.
12. Aristóteles, É*tica a Nicômacos*, Brasília, Editora UnB, 1985.
13. Políbios, *História*, Brasília, Editora UnB, 2 ª ed., 1988.
14. Herôdotos, *História*, Brasília, Editora UnB, 2ª ed., 1988.
15. Diôgenes Laêrtios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Brasília, Editora UnB, 1988.
16. Sófocles, *A trilogia tebana — Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 11ª ed., 2004.
17. Ésquilo, *Oréstia — Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 6ª ed., 2003.
18. Eurípides, *Medéia, Hipólito, As Troianas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 6ª 2003.
19. Ésquilo, *Os persas* — Sófocles, *Electra* — Eurípides, *Hécuba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 5 ª ed., 2004.
20. Eurípides, *Ifigênia em Áulis, As fenícias, As bacantes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 5ª ed., 2005.

21. Ésquilo, *Prometeu acorrentado* — Sófocles, *Ájax* — Eurípides, *Alceste*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 5ª ed., 2004.

Outras traduções

22. Jacqueline de Romilly, *Fundamentos de literatura grega*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
23. Sir Paul Harvey, *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
24. Marcel Detienne, *A escrita de Orfeu*, Jorge Zahar, 1991.
25. J.V. Luce, *Curso de filosofia grega*, Jorge Zahar, 1994.

Copyright © 1993, Mário da Gama Kury

Reservados ao tradutor os direitos de representação
teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.

Copyright desta edição © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

ISBN: 978-85-378-0977-8

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
MEDÉIA
Eurípides

Medéia

Eurípides

9788537809785

73 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Depois de vencer provas sobrehumanas com a ajuda dos poderes mágicos de Medéia, Jáson a toma como esposa e foge para Corinto. Lá eles vivem felizes por 10 anos e têm dois filhos. Até que Jáson se apaixona pela princesa de Corinto e rejeita Medéia. Determinada a se vingar, Medéia decide punir o marido matando seus próprios filhos e a princesa, condenando Jáson a envelhecer sem esposa e sem filhos.
Uma das mais conhecidas peças de Eurípides, Medéia é considerada uma obra-prima do teatro trágico.

Compre agora e leia


EXPRESSO ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO REI
Sófocles

Édipo rei

Sófocles

9788537809815

86 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO EM
COLONO
Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles

9788537809822

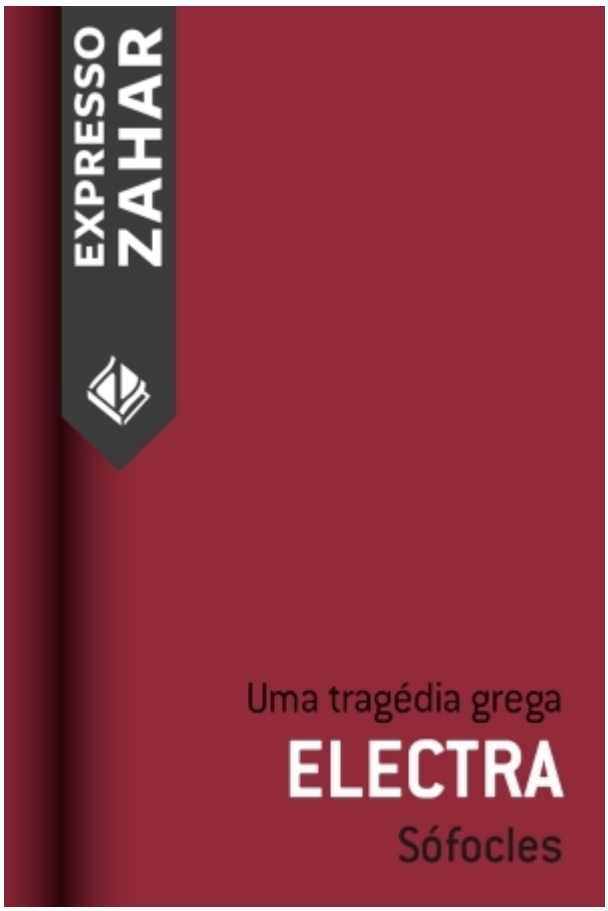
100 páginas

Compre agora e leia

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ELECTRA
Sófocles

Electra

Sófocles

9788537809884

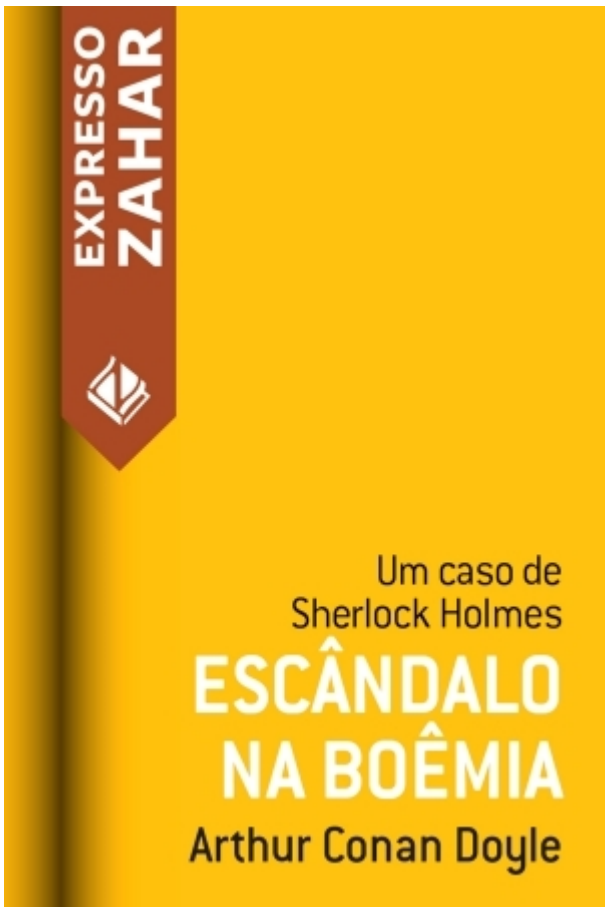
80 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem suceso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Um caso de
Sherlock Holmes
ESCÂNDALO
NA BOÊMIA
Arthur Conan Doyle

Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur

9788537811627

34 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

Compre agora e leia